

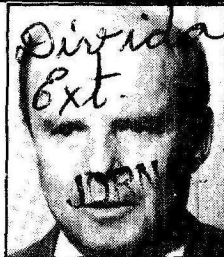
Os números (menos animadores) que serão mostrados aos nossos credores

A nova avaliação da nossa economia vai mostrar que a dívida chegará a US\$ 100,3 bilhões

Em sua reunião com o comitê de bancos credores, hoje, em Nova York, o presidente do Banco Central, Antônio Carlos Lemgruber (que ontem esteve com o diretor da Reserva Federal, Paul Volcker), vai mostrar uma reavaliação do desempenho da economia brasileira durante este ano, com resultados menos animadores que os apresentados num trabalho anterior, divulgado em 16 de julho último.

A nova avaliação vai mostrar, por exemplo, que a dívida externa brasileira deverá chegar ao final do ano em US\$ 100,3 bilhões, apresentando um crescimento de 0,5% sobre a estimativa anterior, que era de US\$ 100,1 bilhões. Também se prevê uma diminuição de US\$ 200 milhões nas exportações, estimadas antes em US\$ 25,6 bilhões. Com isso, para manter o superávit da balança comercial em US\$ 12 bilhões, haverá também uma redução de US\$ 200 milhões nas importações brasileiras.

O governo brasileiro espera um superávit de US\$ 600 milhões no balanço de pagamentos deste ano, em consequência do comportamento das transações correntes (diferença entre o resultado da balança comercial e os serviços da dívida), que permanecerá com um déficit de US\$ 1,6 bilhão e do esquema de amortização da dívida registrada em dezembro do ano passado, cujo valor a ser pago diminuiu de US\$ 1,6 bilhão para US\$ 1,2 bilhão.



Dornelles



Volcker

O ingresso líquido de capitais foi reavaliado em US\$ 2,2 bilhões (era estimado em US\$ 1,9 bilhão) e deve-se basicamente à elevação das amortizações passíveis de serem refinanciadas junto aos bancos para US\$ 7 bilhões (estimada antes em US\$ 1,9 bilhão) e junto ao Clube de Paris, que tiveram seu valor alterado de US\$ 1,4 bilhão para US\$ 1,5 bilhão.

No que se refere à posição das reservas internacionais do Brasil, que até o dia 12 deste mês alcançaram US\$ 8,532 bilhões, ela deverá chegar ao final do ano com US\$ 8,2 bilhões, incluindo US\$ 400 milhões de monetização de ouro.

Nas projeções para o próximo ano, o Banco Central espera que a dívida externa total diminua para US\$ 100,1 bilhões. Com o serviço da dívida, o Brasil terá que desembolsar em 1986 US\$ 13,6 bilhões, sendo que US\$ 10,4 bilhões como pagamento de juros

para este ano o desembolso será de US\$ 10,7 bilhões) se a taxa da libor permanecer em 9,5%. As reservas internacionais do País, para o próximo ano, foram estimadas em US\$ 9,1 bilhões.

Dinheiro novo

20 AGO 1985

“Não há necessidade de dinheiro novo porque a economia já fez os seus ajustes externos, o que não quer dizer que não devamos buscar ampliar os prazos de pagamentos”, afirmou ontem em São Paulo o ministro do Planejamento, João Sayad. Ele reiterou que o pior problema hoje é o do déficit de caixa do governo. Também comentou sobre as elevadas taxas de juros, um encargo que recai basicamente sobre o governo, já que o setor privado tem um endividamento reduzido. Com isso, segundo ele, o governo acaba elevando a taxa de juro que ele mesmo tem de pagar.

Dependendo dos resultados do encontro do ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, em Paris, será acertado se o Brasil manda uma equipe a Washington para negociar com o FMI ou uma equipe de técnicos do Fundo virá ao Brasil. Segundo o assessor de imprensa do Palácio do Planalto para assuntos econômicos, Frota Netto, o ministro Dornelles e o assessor do presidente, Luiz Paulo Rosenberg, decidem se os técnicos brasileiros vão nos próximos dez dias ou esperam a missão do Fundo.